

prestígio de protetor

Constituintes aderem à rotina do Congresso e deixam plenário vazio

JORNAL DO BRASIL
5 FEV 1987

Brasília — Com quatro dias de funcionamento da Constituinte, o ímpeto de participação de seus integrantes começa a ceder lugar a um dos piores costumes do Congresso Nacional: a fuga dos trabalhos legislativos, a bordo dos aviões que deixam Brasília. Ontem, a curva do gráfico de comparecimento em plenário apontava perigosamente para baixo. Apenas 60 parlamentares, dos 559 constituintes, assistiram à abertura da sessão às 16h.

Parlamentares experientes, como o primeiro vice-presidente da Câmara, Homero Santos (PFL-MG), julgavam, porém, inexistirem motivos para algum tipo de decepção. "Este comparecimento é notável, em vista da tradição da Casa", festejou Santos, que em quatro mandatos consecutivos não se lembra de ter convivido com "tamanho movimentação em uma sessão ordinária."

A realidade registrada na lista de presença organizada pelas portarias do Congresso induz, no entanto, a outro tipo de avaliação. Até as 16h, nada menos do que 420 constituintes haviam passado pela Casa — e menos de 15% chegariam a prestigiar a abertura dos trabalhos. No dia anterior, 415 registraram presença e a metade compareceu em plenário. Na segunda-feira, um dia de estréia para os 60% de novatos, 525 parlamentares estiveram nas sessões para a eleição do presidente da Constituinte.

A falta de vontade de frequentar o plenário — um mal que não passa impune pela Casa e que no ano passado a desgastou profundamente perante a opinião pública — parece irmanar velhos e novos parlamentares. Da sessão de ontem, por exemplo, ausentaram-se novatos famosos como o ex-ministro Delfim Neto (PDS-SP), que nem sequer informou o seu paradeiro ao gabinete, e a deputada Márcia Kubitschek, presente na lista da portaria, mas ausente do plenário.

A deputada Cristina Favares (PMDB-PE), reeleita pela segunda vez, compareceu à sessão para uma interferência no mínimo duvidosa. Interrompendo as discussões sobre o regimento provisório da Constituinte, ela pediu ao presidente da Assembléia, Ulysses Guimarães, que dispendesse esforços para que as companhias aéreas dessem prioridade de embarque aos parlamentares ansiosos por deixar Brasília. Uma interpretação sem dúvida exagerada das regalias de um constituinte.

Mulheres brigam por gabinete com banheiro

Brasília — O primeiro lobby organizado na Constituinte foi vitorioso: 12 deputadas que estavam sem lugar para trabalhar pressionaram a direção da Câmara e conseguiram expulsar os homens dos gabinetes que ocupavam. O executor da medida foi o primeiro-secretário da Câmara, deputado Paes de Andrade (PMDB-CE), que agora é conhecido pelas deputadas com um apelido carinhoso: "o pacificador das mulheres", de acordo com a deputada Ana Maria Rattes (PMDB-RJ), uma das que estavam sem gabinete.

Satisfeito por conseguir alojar todas as mulheres depois de uma reunião que varou a madrugada com seus assessores, Paes de Andrade chamou as deputadas ao seu gabinete para dar-lhes a boa notícia. No fim, entretanto, lamentou. "Agora vou às armas com os homens." As deputadas prometeram ajuda: "Se precisar de segurança, vai ter um batalhão de mulheres atrás de você", propôs a deputada Moema São Tiago (PDT-CE). "Pode brigar, Paes, que nós te damos garantia", concordou Sandra Cavalcanti (PFL-RJ).

O maior problema das mulheres era encontrar gabinetes com banheiro. Elas queriam ficar no anexo IV, onde estão as salas mais novas e que, por isso mesmo, já haviam sido tomadas pelos homens. No anexo III, onde havia gabinetes disponíveis, não há banheiros.

Para conseguir gabinete, as mulheres organizaram um movimento suprapartidário. Entre elas, Bete Mendes (PMDB-SP), Sandra Cavalcanti (PFL-RJ), Ana Maria Rattes (PMDB-RJ), Eunice Michilis (PFL-AM), Marluce Pinto (PTB-RO), Moema São Tiago (PDT-CE), Abigail Feitosa (PC DO B-B), Wilma Maia (PDS-RN), Rose de Freitas, Lídice da Mata (PMDB-BA) e Tutu Quadros (PTB-SP).

Deputado mineiro tem quatro escritórios

Belo Horizonte — Por falta de espaço é que o deputado-constituinte Alvaro Antônio Teixeira Dias (PMDB-MG) não deixará de atender bem a seus eleitores. Além de seu gabinete na Câmara e de um escritório particular que ocupa todo um andar de um prédio no Barreiro, região da zona-oeste de Belo Horizonte onde sempre viveu e construiu sua carreira política, Alvaro Antônio, como vice-prefeito — eleito em 1985, na chapa de Sérgio Ferrara —, tem à sua disposição um gabinete de 300 metros quadrados, no centro da cidade, com seis funcionários.

O deputado Alvaro Antônio terá direito ainda, de quebra, a um "cantinho" e funcionários no recém-inaugurado Centro Legislativo de Minas, uma criação da Assembléia onde os constituintes mineiros poderão colher sugestões de seus eleitores para a nova Constituição, às custas do governo do estado.

O gabinete no centro da cidade é o de vice-prefeito, mas de vez em quando a recepcionista se confunde ao atender o telefone: "Gabinete do deputado Alvaro Antônio", diz ela. Eleito com 52 mil 897 votos, o 14º mais votado no estado, por decisão do prefeito Sérgio Ferrara, ele deverá continuar acumulando a vice-prefeitura. Ferrara acha que não há qualquer impedimento. "Quem pode mais, pode menos", argumenta um assessor direto e fiel amigo de Alvaro Antônio, que até janeiro também acumulava uma vaga de deputado estadual, eleito em 1982, com o posto de vice-prefeito.

— O Alvaro não acumula vencimentos, pois não recebe nada como vice-prefeito. Por isto pode continuar onde está — sustenta o mesmo assessor.